

ELECTRA \ A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

COMPANHIA OLGA RORIZ

QUINTA-FEIRA 17

22:00

GRANDE AUDITÓRIO

DE REGRESSO AO CENTRO CULTURAL VILA FLOR, OLGA RORIZ APRESENTA DUAS CRIAÇÕES NA MESMA NOITE. NA PRIMEIRA PARTE DO ESPECTÁCULO, OLGA RORIZ INTERPRETA O SOLO "ELECTRA". NA SEGUNDA PARTE, A COREÓGRAFA APRESENTA A SUA PRÓPRIA VERSÃO D' "A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA", DE IGOR STRAVINSKY, UMA DAS MAIS IMPORTANTES OBRAS SINFÓNICAS DO SÉCULO XX.

RETURNING ONCE AGAIN TO THE VILA FLOR CULTURAL CENTRE, OLGA RORIZ WILL PRESENT TWO WORKS ON THE SAME NIGHT. IN THE FIRST PART, OLGA RORIZ WILL PRESENT HER SOLO WORK, "ELECTRA." IN THE SECOND PART, THE CHOREOGRAPHER PRESENTS HER OWN VERSION OF "THE RITE OF SPRING" BY IGOR STRAVINSKY, ONE OF THE MOST IMPORTANT SYMPHONIC WORKS OF THE 20TH CENTURY.

ELECTRA

A MINHA ELECTRA

“Electra” surge de um longo percurso de solos da coreógrafa Olga Roriz iniciados em 1988, onde em cada uma dessas criações se revela o cunho pessoal da autora/intérprete. Todos esses solos são fruto não do acaso ou circunstância mas sim de um encontro e confronto consigo própria. Os seus solos nascem de uma urgência, de uma evidente necessidade, da invasão de uma ideia que se instala e a impele a um desafio sem retorno. Assim surgiu a personagem de “Electra” talvez num sonho, colando-se à pele como uma saga. Pouco lhe importará a narração da história que a envolve mas sim os contornos dessa complexa personagem.

Electra

“Electra” is the result of the long path of solos begun by Olga Roriz in 1988 in which each of her creations has revealed the unique hallmark of this artist and choreographer. These solos are not the fruit of happenstance or circumstance but rather of an encounter and confrontation with the very self. Her solos are born out of urgency, from an evident necessity, of the invasion of an idea that becomes set and beckons to a challenge from which there is no return. Thus the character of “Electra” has appeared as in a dream, sticking to the skin like a saga. The narration of the surrounding history may be of little matter when faced with the contours of a personality as complex as this.

My Electra

The scenes have come undone and are apparently with no common relationship or objective; however, they continue to unveil a type of mysterious character. It is as if there were a latent uneasiness in that woman, one in which each moment and each place she passes through is as much enlarged as erased by those who come after her. Each scene, each passage carries with it a strange force, an experience and a certainty which is set with the first gesture. The banal gestures between scenes carry the weight of what has just transpired, turning these actions into scenes. This is a woman who neither thinks nor feels. She tortures herself, forces herself, negates herself... She punishes herself by adding new ways of acting, being, lamenting her fate, preparing herself, struggling... for never

As cenas são descoladas e aparentemente sem relação ou objectivo comum, no entanto, vão desvendando uma espécie de personagem misteriosa. É como se houvesse uma inquietação latente naquela mulher, onde cada momento e cada lugar por onde passa tanto são acrescentados como anulados pelos que se seguem. Cada cena, cada passagem tem uma força estranha, uma vivência e uma certeza que se instala desde o primeiro gesto. As acções banais entre as cenas carregam a carga do que acabou de fazer, tornando essas acções, também elas, em cenas. É uma mulher que não pensa nem sente. Ela tortura-se, obriga-se, anula-se... Castiga-se a passar o tempo congeminando uma nova forma de agir, de estar, de se lamentar, de se preparar, de lutar, ...de jamais se esquecer. Não há resignação, não há desistência, apenas por vezes uma espécie de falso e tranquilo abandono. Ela mostra sem pudor a sua força e a sua fraqueza, a sua nobreza e a sua humilhação. Ela é uma mulher assustadoramente presente na sua ausência. Os seus olhares para o exterior de si são os únicos indicativos da sua espera onde o tempo não existe. Ela nunca se expõe, apenas se dispõe. Olga Roriz, 24 de Novembro de 2009

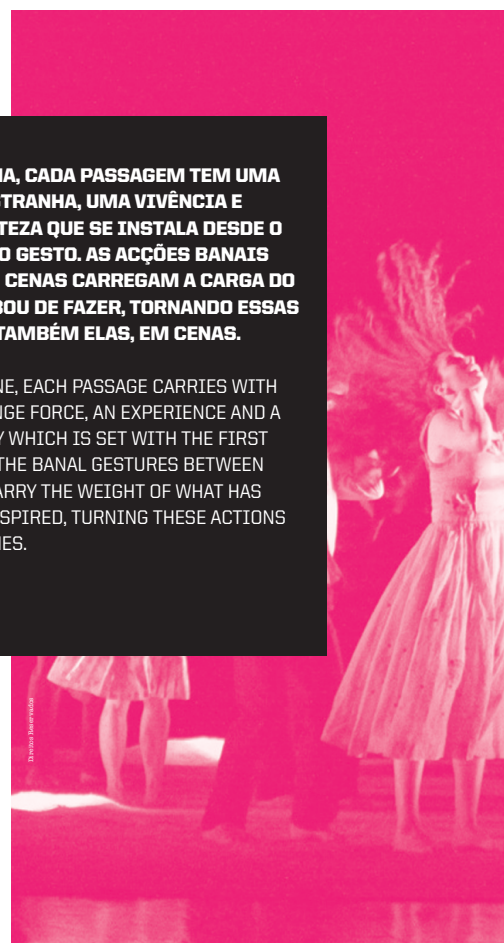
more to forget. There is no resignation, there is no giving up, just occasionally a sort of false and tranquil abandonment. She unabashedly shows her strength and weakness, her nobility and her humiliation. She is a woman frighteningly present in her absence. Her glances outside herself are the only indications of her waiting in the spot where times does not exist. She never exhibits herself, she just puts herself at your disposal. Olga Roriz, November 24, 2009

CADA CENA, CADA PASSAGEM TEM UMA FORÇA ESTRANHA, UMA VIVÊNCIA E UMA CERTEZA QUE SE INSTALA DESDE O PRIMEIRO GESTO. AS ACÇÕES BANAIS ENTRE AS CENAS CARREGAM A CARGA DO QUE ACABOU DE FAZER, TORNANDO ESSAS ACÇÕES, TAMBÉM ELAS, EM CENAS.

EACH SCENE, EACH PASSAGE CARRIES WITH IT A STRANGE FORCE, AN EXPERIENCE AND A CERTAINTY WHICH IS SET WITH THE FIRST GESTURE. THE BANAL GESTURES BETWEEN SCENES CARRY THE WEIGHT OF WHAT HAS JUST TRANSPIRED, TURNING THESE ACTIONS INTO SCENES.

The Rite of Spring

Choreographing Igor Stravinsky's “Rite of Spring” can never happen by chance, nor should it have a deadline nor be some outside commission subject to the whims of an artist. The Rite is a piece that waits for its moment, for the right place, for the will and for an inevitable desire. The Rite is a challenge, a risk, a precipice overlooking the abyss into which I crazily threw myself with all the passion I could muster.



A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

Coreografar “A Sagração da Primavera”, de Igor Stravinsky, nunca pode acontecer por acaso nem ter data marcada ou ser uma encomenda alheia à vontade do criador. A Sagração é uma peça à espera do momento, do lugar certo, duma vontade, de um desejo incontornável. A Sagração é um desafio, um risco, um precipício no abismo ao qual loucamente me lancei com toda a minha paixão.

A MINHA SAGRAÇÃO

Apenas o facto de escrever ou deixar escapar-me da boca a conjugação destas duas simples palavras «a minha Sagração», me transtorna a mente, o coração, a flor da pele. O tempo parece não ter passado desde que, ainda jovem, interpretei o papel da eleita do coreógrafo Joseph Roussillo no Ballet Gulbenkian. O tempo parece não ter passado desde a primeira vez que vi, num minúsculo televisor, a versão de Pina Bausch e ter decidido nunca coreografar esta peça. O tempo parece não ter passado desde a polémica estreia de Nijinsky/Stravinsky. Mas o tempo passou e a obra perdura no nosso imaginário cultural. O fascínio e respeito pela partitura foram determinantes para a minha interpretação, construção dramática e coreográfica da peça. A fidelidade ao guião de Stravinsky foi, desde o início, o único caminho com o qual me propus confrontar. No entanto, dois aspectos se distanciaram do conceito original. Visões personalizadas que imprimem à história uma lógica mais possível à minha compreensão, mais aprazível à minha manipulação. Em 1º lugar concedi ao personagem do Sábio um protagonismo invulgar, sendo ele que inicia a peça. Ainda em silêncio e durante todo o Prelúdio habita o espaço solitário e vazio traçando nos seus gestos um percurso de premonição, antecipação e preparação do terreno para o ritual. A 2ª opção, que se distancia drasticamente do conceito original, reside no facto de o personagem da Eleita não ser tratada como uma vítima no sentido dramático da questão. A minha Eleita sente-se uma privilegiada e quer dançar até sucumbir. Em nenhum momento se sente obrigada ou castigada nem o medo a invade. Ela expõe a sua força e energia vitais lutando cegamente contra o cansaço. *Olga Roriz, 10 de Maio de 2010*

it. However, two aspects have distanced us from the original concept: personalized visions which print onto history a more possible logical than that of my understanding, more pleasant than my manipulation. In the first place, I have assigned to the Wise Man the role of unexpected protagonist, and he starts off the show. In silence while the Prelude plays, he inhabits the solitary and empty space tracing his gestures with premonition, anticipation and preparation of the territory for the ritual. The second option, one drastically distant from the original concept, resides in the fact that my Chosen One should not be treated as a victim in the dramatic sense of the issue. My Chosen One should feel privileged and want to dance until

she succumbs. At no time should the Chosen One feel obliged or punished, nor should she ever be taken over by fear. She exhibits her vital strength and energy blindly fighting against fatigue. *Olga Roriz, May 10th, 2010*

The manifestation of absence *

“Electra” is a solo work by Olga Roriz inspired by ancient mythology, a theme frequently used in choreographic creations, one which accentuates the transversal nature of these timeless classical themes that touch upon the human experience and indelibly mark our contemporary cultural fabric. But “Electra,” far from wanting to narrate the mythical story, is an exercise in permanently questioning what characterizes the artist and what constitutes the source of continuous renewal and unpredictability. It is in this dance that seeks to grab at you that Roriz displays her strong dramatic energy, tapping into the depths of human perplexity that calls out for scrutiny. ¶ “Electra” is a space open to self-reflection, to the distance created between what we deem something to be and what we feel something to be, and to the improvisation which brings

My Rite

It is merely the fact of having once written or let slip from my mouth those four simple words, “My Rite of Spring” which throws my entire mind, heart and body into a loop. Time seems not to have passed since my younger days when I performed the lead role under choreographer Joseph Roussillo at the Gulbenkian Ballet. Time seems not to have passed since I saw for the first time, on a tiny television screen, the Pina Bausch version

and decided to never choreograph that piece. Time seems not to have passed since the problematic premiere featuring Nijinsky and Stravinsky. But time indeed has passed and the work lingers heavily in cultural imagination. The fascination and respect for the music were determining factors for my interpretation, dramaturgical construction and the choreography of the piece. Faithfulness to Stravinsky’s script has been, since the beginning, the only way I can propose to confront

to the surface the fragmented consciousness that what we feel is attached, yet able to be manifest. Blended in with this manifestation of the impossible is the ambivalence of the story that should be told which at the same time is boiling over with intention. The loneliness which binds the performer to the space is like a shaft of light piercing into him. There is a gloomy ageing process which insinuates a “false and calm sense of abandonment,” a negative space filled by the inevitable absence



A MANIFESTAÇÃO DA AUSÊNCIA*

“Electra” é um solo de Olga Roriz inspirado na mitologia clássica, temática não raras vezes utilizada nas criações artísticas da coreógrafa e que acentua uma transversalidade dos temas clássicos, latente em toda a vivência do ser humano, que marca indelevelmente a trama cultural contemporânea. Mas, “Electra”, longe de querer narrar a história mítica, é um questionamento permanente que caracteriza a artista e que se constitui como fonte de contínua renovação e imprevisibilidade.



É é nessa dança que se pretende “agarrar” que Roriz empresta uma forte energia dramática, percorrendo o mais fundo da perplexidade humana que urge perscrutar. ¶ “Electra” é um espaço aberto à auto-reflexividade, à distância que se cria entre o que julgamos ser e o que sentimos ser, à improvisação que faz emergir a fragmentada consciência de que o que sentimos é eternamente agrafo, contudo, passível de ser manifestado. Nessa manifestação do impossível fundem-se as ambivalências de algo que está por contar e que, simultaneamente,

of what I am searching for in myself. ¶ In “Electra” we are presented with the impossibility of the language which results from the annulment of each instant. We are presented with the inevitable continuity which dissipates the phoneme. Paradoxically, it is in the juxtaposition of the movement and the confrontation with the audience that the contradictions of being a woman “frighteningly present in her absence” are

resolved. ¶ The aggressiveness of “Electra” is displayed in the vengeance which pain awakens. In “Electra” this pain exists in ruins which are leftovers from the past and which are incessantly sought out in intimacy. But pain is not necessarily an inhabitable space. Nor is it a doable space. Between the artist and the choreographer a world of strangeness is drawn which allows for a sudden passing from a state of immanence to a state of lucid absence, without ever having to resign.

fervilha de intenção. A solidão que prende a intérprete ao espaço é como uma luz apontada ao seu interior. Há uma senescência elegíaca que postula um “falso e tranquilo abandono”, um espaço negativo que é preenchido pela inevitável ausência do que em mim procuro. ¶ Em “Electra” deparamo-nos com a impossibilidade da linguagem que resulta do anular de cada momento. Deparamo-nos com a inevitável continuidade que dissipa o fonema. Paradoxalmente, é na justaposição do movimento e no confronto com o público que se resolvem as antinomias de uma mulher “assustadoramente presente na sua ausência”. A arte de Roriz é uma arte à espera de ser compreendida e onde a espera parece não representar mais do que a necessidade. ¶ A agressividade de “Electra” é pautada pela vingança que a dor desperta. Em “Electra”, essa dor existe em ruínas que sobram do passado e que incessantemente se procuram na intimidade. Mas dor não é necessariamente um espaço inabitável. Nem sequer um espaço impraticável. Entre a intérprete e a coreógrafa, desenha-se um mundo de estranhezas que faz com que, de repente, se passe de um estado imanente a um estado de lúcida ausência, sem nunca resignar.

The “chosen” metonymy

Igor Stravinsky wrote a trilogy which would later forever become a bold and daring work in the history of the arts, an unexpected challenge made to rules and prescription marking the beginning of the modern age. After the Firebird in 1910 and Petrushka in 1911, the Rite of Spring was presented on May 29th, 1913 at the Théâtre des Champs-Élysées in Paris by Sergei Diaghilev’s Ballets Russes company and choreographed by Vaslav Nijinsky, soon to leave its indelible mark on the artistic languages of music and dance, representing above all, an iconic moment of innovation and rupture. Over the years this rhythmic and creative pulsations issuing from the Rite remained in the collective imagination of generations of dancers and musicians who, aspiring to free and ever-renewing expressions of creativity, claimed the right to use proxemics as a form of tribute. In her 30 years as a choreographer, Olga Roriz may well have turned to the words of Nijinsky himself, taken from his Notebooks, where he writes, “Listen! I am an artist, and so are you. We are artists, so let us love each other.” ¶ This passion which imbues the work of Olga Roriz allows her to fearlessly go out in her tireless search of the “desired object,” (although she once decided never to choreograph the piece) after having seen the Pina

A “ELEITA” METONÍMIA

Igor Stravinsky haveria de compor uma trilogia que ficaria na história da arte como um passo arrojado e arrebatador, como um inesperado desafio a regras e a prescrições, como o princípio do traço da modernidade. Depois de Pássaro de Fogo, em 1910, e Petrushka, em 1911, A Sagração da Primavera, apresentada em 29 de Maio de 1913 no Théâtre des Champs-Élysées, em Paris, pela companhia Ballets Russes de Sergei Diaghilev, e coreografada por Vaslav Nijinsky, marca

“ELECTRA” É UM SOLO DE OLGA RORIZ INSPIRADO NA MITOLOGIA CLÁSSICA, TEMÁTICA NÃO RARAS VEZES UTILIZADA NAS CRIAÇÕES ARTÍSTICAS DA COREÓGRAFA E QUE ACENTUA UMA TRANSVERSALIDADE DOS TEMAS CLÁSSICOS, LATENTE EM TODA A VIVÊNCIA DO SER HUMANO, QUE MARCA INDELEVELMENTE A TRAMA CULTURAL CONTEMPORÂNEA.

“ELECTRA” IS A SOLO WORK BY OLGA RORIZ INSPIRED BY ANCIENT MYTHOLOGY, A THEME FREQUENTLY USED IN CHOREOGRAPHIC CREATIONS, ONE WHICH ACCENTUATES THE TRANSVERSAL NATURE OF THESE TIMELESS CLASSICAL THEMES THAT TOUCH UPON THE HUMAN EXPERIENCE AND INDELIBLY MARK OUR CONTEMPORARY CULTURAL FABRIC.

Bausch version on a small television screen. Between distance and proximity there opens the space necessary for the choreographer to manipulate the piece, not as a radical opposition but as the reinsertion of memories which are supported by the tensions which the creative act explores. Roriz explains, “The Rite will be inside me,” allowing the dynamic character of our cultural inheritance to emerge. Thus, her Rite does not dispense with temporal transformation as a reference for what is

indelevelmente a linguagem artística da música e da dança, constituindo-se, avant la lettre, um ícone de inovação e ruptura. Terá este pulsar rítmico e criativo ficado, durante longos anos, no imaginário colectivo de gerações de bailarinos e músicos que, aspirando a uma criação livre e sempre renovada, reservavam-se o direito ao uso da proxémica como forma de tributo. Após mais de 30 anos de percurso como coreógrafa, Olga Roriz ter-se-á socorrido das palavras de Nijinsky, grafadas nos seus Cadernos, e que dizem: “Escutem! Eu sou um artista, vocês, também. Somos artistas, por isso amamo-nos.” ¶ Esta paixão, que se inscreve na obra de Olga Roriz, permite-lhe lançar-se sem medo numa procura imparável do “objecto desejado”, ainda que tivesse decidido nunca coreografar a peça, após ter assistido, num minúsculo televisor, à versão de Pina Bausch. Entre distância e proximidade, abre-se o espaço necessário para que a coreógrafa manipule a obra, não como oposição radical, mas como reinscrição de memórias que se apoiam nas tensões que o acto criativo explora. Roriz afirma: “A Sagração há-de estar dentro de mim”, fazendo emergir o carácter dinâmico da herança cultural. Assim, a sua Sagração não

new, welcoming at the same time the traces of dialoguing that art permits. There is deep historical and cultural significance underlying the creation of the piece which converts the mind’s memory artifacts into the raw material. ¶ The contemporary need for freedom, emancipation and autonomy affords memory a privileged place, a fact justified by the faithfulness to the Stravinsky script that Roriz has agreed to handle. Yet it is in the interstitiality of the temporal dialogue that a new protagonist is found for the character of the Wise Man (who during the Prologue inhabits a lonely and empty space) and a new reading for the character of the Chosen One. Olga Roriz comments that “my Chosen One feels privileged and wants to dance until she succumbs. A no time does she feel obligated or punished, nor is she taken over by fear. She exhibits her vital strength and energy blindly fighting against fatigue.” It is in this metonymy that we encounter the creative pulsing of the artist and the core of renewal of her own symbolic elaborations.

prescinde do devir temporal como referência para o que é novo, acolhendo, ao mesmo tempo, os traços do dialogismo proporcionado pela arte. Há uma forte carga histórica e cultural que subjaz à criação da obra e que transforma os artefactos mentais da recordação na sua matéria-prima. ¶ A necessidade contemporânea de liberdade, emancipação e autonomia concede à memória um espaço privilegiado, facto justificado pela fidelidade ao guião de Stravinsky que a coreógrafa se propôs confrontar. Mas, na interstitialidade do diálogo temporal, é encontrado um novo protagonismo para a personagem do Sábio (que durante todo o Prelúdio habita o espaço solitário e vazio), e uma nova leitura para a personagem da Eleita. Diz Olga Roriz: “a minha Eleita sente-se uma privilegiada e quer dançar até sucumbir. Em nenhum momento se sente obrigada ou castigada nem o medo a invade. Ela expõe a sua força e energia vitais lutando cegamente contra o cansaço”. É nesta metonímia que encontramos o pulsar criativo da autora e o núcleo de renovação das suas próprias elaborações simbólicas.

1ª Parte ELECTRA
• Coreografia e Interpretação **Olga Roriz**
• Dramaturgia, Seleção Musical e Figurino **Olga Roriz e Paulo Reis** • Músicas **Gavin Bryars, Eleni Karaindrou, Erik Honore/Jan Bang, Carlos Zingaro, Benco & Hladnik, Richard Strauss**
• Direção de Ensaios e Cenografia **Paulo Reis**
• Desenho de Luz **Clemente Cuba** • Pós-Produção Áudio, Desenho de Som e Montagem **Sérgio Milhano** • Construção da Cabeça de Rincoceronte **João Pedro Rodrigues** • Co-Produção **Companhia Olga Roriz E Teatro Nacional S. João, OPART**
• Estreia a **28 de Janeiro de 2010 no T. Camões**
• Duração **60 min.**

Intervalo

2ª Parte A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA
• Direção e Coreografia **Olga Roriz**
• Música **Igor Stravinsky** - “A Sagração da Primavera”, **Herbert Von Karajan (1968)** com a **Orquestra Filarmónica de Berlim** • Cenário **Pedro Santiago Cal** • Figurinos **Olga Roriz e Pedro Santiago Cal** • Desenho de Luz **Clemente Cuba**
• Ensaíadora **Sylvia Rijmer**
• Intérpretes • Eleita **Marta Lobato Faria**
• Sábio **Jácome Filipe** • Mulheres **Carla Weissmann, Catarina Câmara, Liliana Garcia, Marlene Vilhena Rafaela Salvador, Maria Cerveira, Sylvia Rijmer, São Castro**
• Homens **Bruno Alexandre, Bruno Alves, Filipe Baracho, Hugo Goopy, Hugo Martins, Pedro Santiago Cal, Ricardo Machado, Ricardo Teixeira, Yonel Serano**

• Equipa Técnica • Técnico de Som **Miguel Mendes** • Técnico de Luz **Daniel Verdades**
• Assistente da Direção Artística **Laura Moura**
• Assistente de Guarda-Roupa, Cenário e Adereços **Maria Ribeiro, Joana Veloso** • Costureira **Florinda Basílio** • Director de Produção **Pedro Quaresma** • Produtores Executivos **Teresa Brito, José Madeira**
• Co-Produção **Companhia Olga Roriz com a Fundação Centro Cultural de Belém** • Estreia a **29 de Maio de 2010 no Grande Auditório do C.C.B.**
• Duração **33 min.** • Maiores de **16**

• A Companhia Olga Roriz é financiada pelo **Ministério da Cultura/DGArtes** • Espaço cedido por **Tranquilidade** • Consultadoria/Fundraising **Spark, Arts Consulting** • Apoio Jurídico **FLMJ, Sociedade de Advogados, RL**